



1) Poder, política e Estado são frequentemente utilizados como dimensões misturadas no senso comum. Para a sociologia, existem distinções claras e bem definidas em cada um e, desde a formação da disciplina sociológica, diferentes perspectivas e teorias foram elaboradas, constituindo um amplo campo de discussões. Tomando as reflexões dos pensadores formativos da sociologia (Marx, Weber e Durkheim), percebe-se que as transformações sociais, atreladas ao desenvolvimento do capitalismo industrial liberal, séculos XVIII e XIX, acarretaram grandes desigualdades sociais, exploração dos trabalhadores, acumulação e concentração de capital para os donos das fábricas, dificuldade de competição de pequenos produtores, etc. A liberdade, igualdade e fraternidade - princípios liberais da Revolução Francesa - ficaram no papel para a maioria do povo, enquanto, para poucos, era atuante e presente.

Por que os dominados não se revoltam? Que tipo de poder permite a dominação de uns sobre os outros? Como se organiza uma sociedade complexa que foi se originando com a industrialização? Enfim, tais questionamentos, dentre outros, provocaram preocupações e teorias distintas sobre poder, política e estado. Vamos ver com esta temática foi desenvolvida por Marx e Weber.

Marx, conjuntamente com Engels, foi um pensador contra as ideias liberais, sobretudo em relação ao individualismo, propriedade privada e liberdade regulatória do mercado. O capitalismo liberal industrial levou à "morte so-

igual" dos proletariados que eram explorados para gerar lucros e excedentes de capital para os donos das fábricas. Ambos questionaram a base material da sociedade, a forma como estava organizada a produção capitalista - entre proprietários e não proprietários - e a base e estrutura de poder da sociedade, na qual favorecia a dominação da burguesia sobre os trabalhadores, operários. O Estado estava a serviço da elite capitalista que criava uma "ordem" para uma dominação consentida de uma classe sobre a outra. A produção capitalista favorecia a alienação do trabalhador, que junto com o fetiche da mercadoria, contribuiu para que a ideologia dominante prevalecesse como um poder sem contestação.

A mudança desse cenário de poder, usou a política viciada por meio de uma transformação nas bases produtivas, na qual os trabalhadores teriam participação, as propriedades privadas seriam abolidas e teria a livre organização do povo e operários. Engels e Marx elaboraram essas ideias em diversas obras, sobretudo no manifesto comunista, com a pretensão de uma transformação econômica, social e política para a implementação de um Estado Socialista, com um tipo de poder mais horizontalizado, e com a participação política dos operários.

Em Weber, percebe-se uma outra perspectiva teórica sobre as transformações do capitalismo industrial e as dimensões do poder, estado e política. A primeira di-



Influência entre os pensadores e da pelo
Estado de Weber não obra, contrário
as ideias liberais sobre liberdade e
individualismo. Suas preocupações sociais
voltavam-se para compreender as motiva-
ções individuais e a permanência da
autonomia dos indivíduos frente a um
processo progressivo de poder racional
deplorado da burocratização. O esta-
do liberal favoreceu a competitividade e
o capitalismo trouxe consequências sociais
e a divisão de classe, totalizou o poder
de dominação - legitimado esta utopia-
do não apenas a organização econômica,
mas ^{subjetiva} - este tipo de racio-
nalidade dominante é a organização es-
total.

Para Weber existem diferentes poderes:
tradicional, carismático e racional legal
no decorrer do progresso social, com o desenvol-
vimento científico e tecnológico, o racional
legal torna-se predominante contribuindo
para a construção de um Estado burocrata.
O Estado se torna um aparelho administra-
tivo, com serviços públicos e com monopólio
legítimo da força e da violência. Neste
contexto, há outras classes que se formam,
diferentemente de Marx. O poder da racio-
nalidade e do saber burocrático legal é
forte conjuntamente com o poder econômi-
co da burocracia. O Estado burocrata li-
beral favorece o capitalismo e seu

desenvolvimento econômico e político, bem como a moral protestante e a salvação trazida pelo trabalho. Assim, aparecem outros fatores importantes para a manutenção do poder, da dominação e perpetuação das desigualdades sociais, a forma de organizar e governar. Um dos principais ~~alunos~~ para este tipo de configuração racional legal e burocrata, que Weber apontava, era o processo de desumanização e a perda de autonomia individual frente a jaula de ferro. Com isso, temos duas teorizações diferentes sobre as relações entre poder, estado e política na formação da sociologia como ciência social.



3) Para desenvolver o tema Poder, Político e Estado alguns pontos principais precisam permeiar as discussões, são eles: 1) desentrançar das percepções do senso comum, o que é poder, relações de poder presentes em todas as relações, o que é estado e suas configurações na história mundial e brasileira; o que é política e suas configurações na história mundial e brasileira. Junto a estes pontos se faz necessário também apresentar alguns teóricos, como clássicos e contemporâneos, e buscar aproximar o tema do contexto da atualidade e dos alunos, incentivando a "imaginação sociológica".

Considerando isso a primeira aula terá como objetivo: a desnaturalização dos conceitos, buscando referências usuais e do senso comum, para provocar e apontar alguns caminhos sociológicos; e a problematização do poder. Esses objetivos espelham o recorte temático que vai se centrar no poder, tendo como recursos metodológicos a leitura de pequenos trechos de textos junto a exibição de imagens e vídeos que demonstrem diferentes tipos de poder na atualidade.

Considerando que o curso envolve alunos do primeiro ano, entre 14 e 15 anos, adolescentes em processo de escolha identitária, é interessante problematizar que o poder não está apenas na figura do estado-polícia, por exemplo - mas em to-



das relações. Essa discussão vai pro-
vocar o olhar para relações próximas ao
cotidiano familiar e escolar, iluminam
dos questões como as brincadeiras, princi-
pitos e distinções entre os alunos, "grupos",
o poder do saber científico frente a
outros saberes populares, o poder no
próprio corpo deles em relação às
usos de roupa e sexualidade.
Um dos pensadores clássicos que pode
contribuir para esta discussão é o
Weber - apresentando os tipos de poder:
tradicional, carismático e o racional le-
gal - enquanto que um pensador mais
recente pode ser o Foucault - a-
presentando o biopoder - para trazer
autores mais contemporâneos que falam
da sexualidade, como a Butler.

Com isso, será introduzidos aos alunos
como o poder existe em diferentes relações,
como o poder de algumas instituições está
presente na formação e socialização dos
indivíduos (família, escola e trabalho).
Após esta primeira aula e com este ares-
nal "em mãos", as próximas discussões
sobre estado e política e suas configura-
ções na história e no presente do Brasil
e o mundo serão mais desenvolvidas, fa-
zendo referência à relação com poder.



2) Como podemos ter uma sociedade demo-
crática dentro de um contexto de gran-
de desigualdade social, de políticas
políticas neoliberais e do sistema eco-
nômico capitalista financeiro mundial?
Esta questão é uma problemática central
de reflexão sobre os rumos da de-
mocracia na atualidade, sobretudo no
Brasil contemporâneo.

Para responder esta questão da desi-
gualdade social temos um autor impor-
tante para dialogar com as teorias
apontadas na questão anterior, José
Seabra. Este pesquisador que trabalhou
no estado durante o governo do PT, ana-
lisa algumas questões sobre desi-
gualdade social e democracia a par-
tir do debate em torno de um surgi-
mento de uma nova "classe média".

Para o autor, assim como outros, é
um consentimento de que houve melhorias
e aumento do capital com políticas de
distribuição de renda, bem como com
o aumento do trabalhador assalaria-
do. No entanto, o autor argumenta
que não houve mobilidade social e
uma nova classe média, o que mu-
dou foi a base de trabalhadores e
excluídos que ganham ~~as~~ condi-
ções que não tinham, como se uma
carteira assinada, entrar para uma
universidade, dentre outros. O que surgiu



foi uma divisão da base entre reale e batateadores, como destaca Jesse Souza.

O argumento que o autor traz é de que a classe não é medida pelo poder econômico apenas, ou seja, pela renda per capita familiar e consumo de bens e serviços. Jesse Souza traz elementos de poder que estão associados ao capital cultural dos indivíduos. A classe, assim como em Weber, tem haver também com o status, prestígio e reconhecimento. Souza utiliza Bourdieu e Foucault para falar do poder e das imobilidades sociais que neste caso estão associadas à ideologia e ^{as} discursos dominantes. A ideologia traz uma narrativa legitimadora e que, no caso de uma política neoliberal e tecnocrata, a competência, o mérito e a competição classificam e hierarquizam ^{quem está ou não} o prestígio. Para o autor, numa sociedade desigual e com histórias escravocratas como o Brasil, este tipo de narrativa perpetua as desigualdades, com o teor de uma aparente "melhora" como um discurso para encobrir problemas estruturantes.

Para o autor, a ^{reflexão} ~~democracia~~ ^{sob} brasileira deve abordar a escravidão e suas mazelas sociais com profundidade. Considera que a crise da democracia não está no Estado "corrupto", mas nas

bases políticas, sociais e econômicas da história brasileira de escravidão. Como aponta Jamni, a escravidão no Brasil estabeleceu uma organização e estratificação social de estamentos, ou seja, criou imobiliaridades para um grupo despossuído mesmo com o advento de um novo governo Republicano e Democrático. José Souza complementa esta perspectiva assinalando o desenvolvimento de teorias que contribuíram para este racismo e para dissimular a simbionte da vida lata do povo brasileiro. Nesta visão, o brasileiro é corrompido por herança portuguesa, pelo paternalismo português, e a democracia não se desenvolve plenamente por conta desse "sutiinho brasileiro" de poder pessoal (despotismo) e corrupção.

No livro a "Elite do atraso", José Souza enfoca bem sobre a questão da corrupção e do discurso de elite que traz como pano de fundo o argumento neoliberal do mercado livre frente ao Estado. A tentativa da elite financeira capitalista, que é a minoria, é de recontornizar as relações em todas as esferas, enfraquecendo o Estado. Todavia, como adverte o autor essa elite não domina sozinha, mas sim com a classe média - magistrados, cientistas, professores, médicos, políticos, advogados e empresários, mídia etc - que é

É a formadora de opiniões e ideologias que perpetuam a dominação e as desigualdades sociais. A classe batalhadora e a real, a base da pirâmide, além de serem desprezadas, materialmente não possuem capital cultural para romper essa legitimação do poder de exclusão. A expansão do consumo, da qualificação educacional e de associações favorece uma "inclusão" de mudança, de aumento da classe média. Entretanto, a transformação e equidade social vem através de mudanças estruturantes, sobretudo com o combate ideológico e discursivo promovido pela elite "do ataque", como conclui o autor, para mudar o poder e transformar o Brasil em um Estado Democrático de fato é preciso associar uma mudança ideológica com políticas inclusivas e de distribuição de renda.